

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

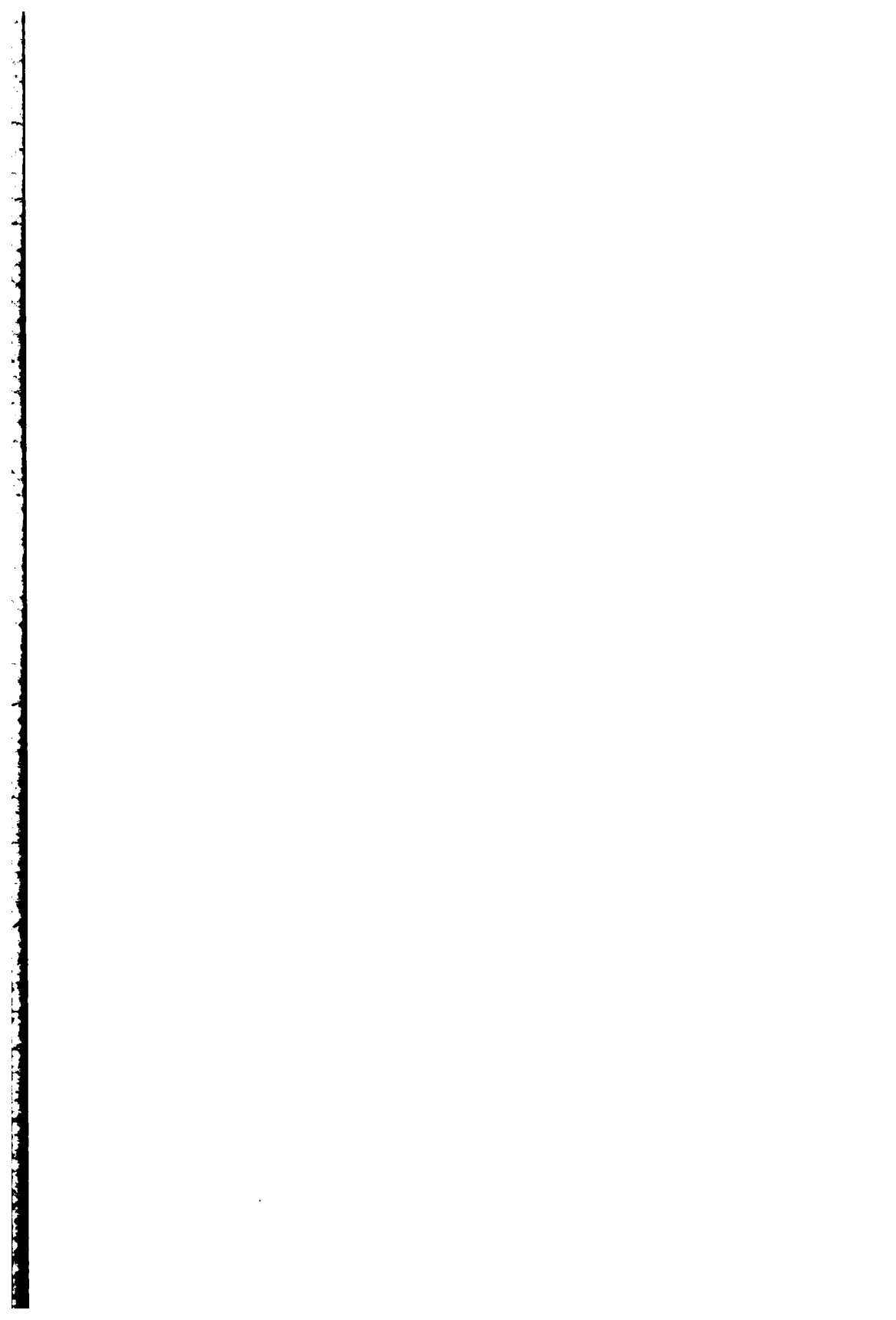
VOLUME 3

Tom II



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 2000



Veredas

Revista de publicação anual

Volume 3 – Dezembro de 2000

Director:

Carlos Reis

Director Executivo:

Sebastião T. Pinho

Conselho Redactorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébé, Ana Mafalda Leite, Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Henry Thorau, Isabel Pires de Lima, Laura Padilha, M. Carmen Villarino, Maria Manuel Lisboa, Onésimo T. Almeida, Regina Zilberman, Sebastião T. Pinho, Solange Parvaux.

Redacção:

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Fax 351-239.410088; E-mail: stpinho@cygnus.ci.uc.pt

Edição, administração, distribuição e assinaturas:

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. 351-22.6067418; Fax 351-22.6004314; E-mail: fundacao@feaa.pt

Paginação: José Soares Pinto – Porto

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Autoria da capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

Depósito Legal N.º 137737/99

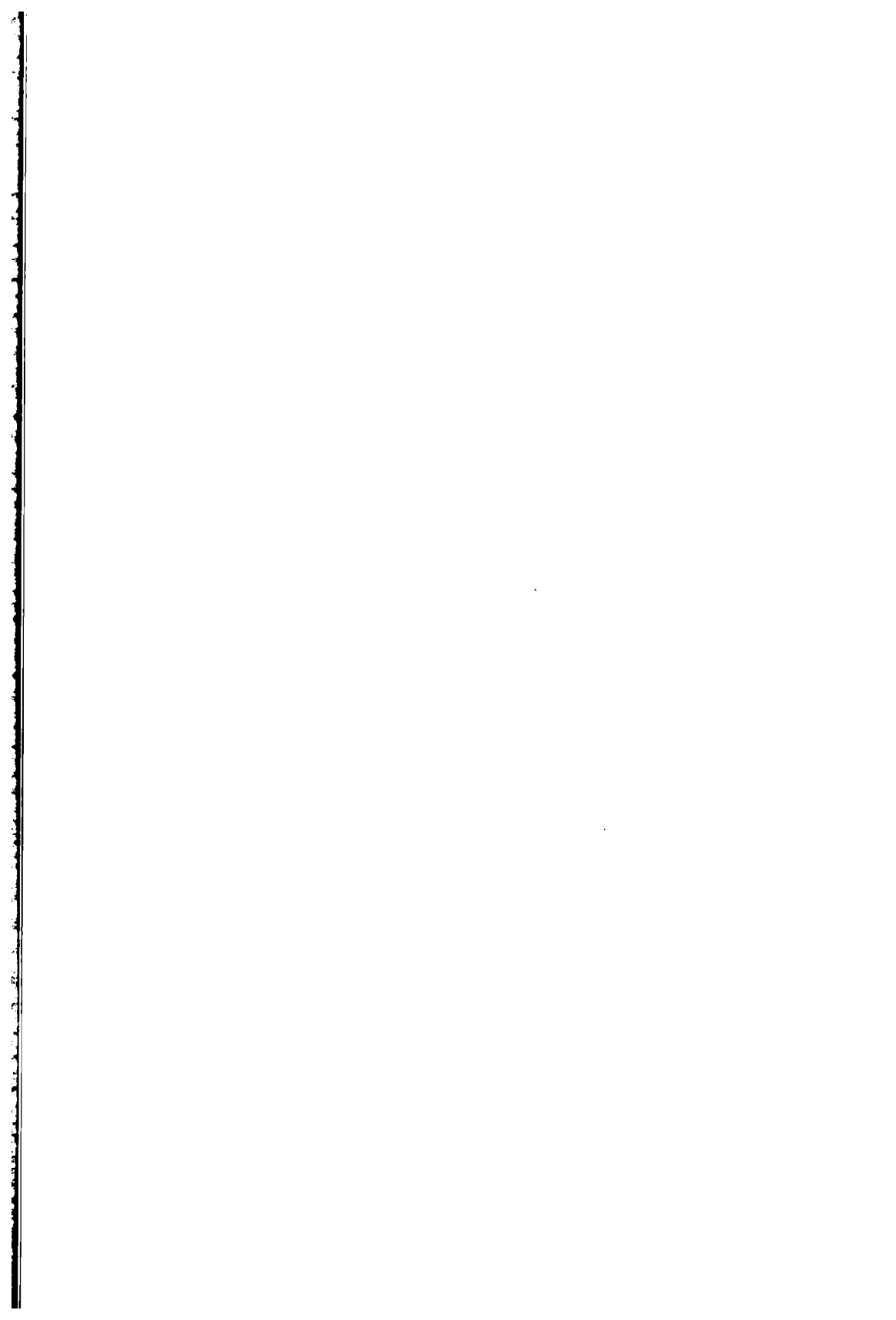
ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



ÍNDICE

Tomo I

CARLOS REIS – Apresentação.....	9
E. M. DE MELO E CASTRO – NU no NU.....	11
VIRGÍLIO DE LEMOS – POESIA hoje.....	15
ÂNGELA VAZ LEÃO – Questões de linguagem nas <i>Cantigas de Santa Maria</i> , de Afonso X.....	21
DAVID BROOKSHAW – Entre o real e o imaginado: o Oriente na narrativa colonial portuguesa.....	33
FRANCISCO FERREIRA DE LIMA – Paraíso e Inferno na Bahia de Gabriel Soares de Sousa.....	43
K. DAVID JACKSON – Ruínas de Império: a cidade-fortaleza de Chaul ..	55
LÉLIA PARREIRA DUARTE – <i>Os Lusíadas</i> , de Camões, e a <i>Peregrinação</i> , de Fernão Mendes Pinto: diferentes perspectivas das portuguesas viagens?.....	67
JOÃO ADOLFO HANSEN – Ler & Ver: Pressupostos da representação colonial	75
MARIA HELENA D. T. C. UREÑA PRIETO – Astrolatria e astrologia em Portugal nos séculos XVII e XVIII.....	91
MARIA JOSEFA POSTIGO – Os provérbios de <i>Don Quijote de la Mancha</i> nas Traduções em Português	101
XOSÉ MANUEL DASILVA – Anticastelhanismo e Sebastianismo nas traduções espanholas do <i>Frei Luís de Sousa</i>	117

ANNE-MARIE PASCAL – A abolição da escravatura e o teatro português (XVIII-XIX) – A polémica, o exemplo, e a utopia	127
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE — O olhar de uma viajante brasileira: Nísia Floresta.....	141
BERTHOLD ZILLY – A reinvenção do Brasil a partir dos sertões: viagem e literatura em Euclides da Cunha.....	149
LUCETTE PETIT – Machado de Assis à “Roda da Vida”: Das <i>Memórias Póstumas</i> ao <i>Memorial de Aires</i>	161
CARLOS ALBERTO PASERO – Reflexos no Oriente: aristocracia e indus- trialização n’A <i>Relíquia</i> de Eça de Queirós	171
PAULO MOTTA OLIVEIRA – Fradique Mendes: Eça, a heteronímia e o vencidismo.....	185
REGINA ZILBERMAN – De <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> a <i>Grande sertão: Veredas</i> – o demônio em viagem	195
LEYLA PERRONE-MOISÉS – Cesário Verde: um “astro sem atmosfera”? ...	217
ANNA KLOBUCKA – Fernando Pessoa, o poeta amoroso? Fragmentos de um discurso	227
MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS – Interrupção poética: um conceito pessoano para a lírica moderna.....	235
MÓNICA ELENA SERRA HÜGLI – Escritas de leituras na poética de Drummond	255
ANA PAULA FERREIRA — O conto da mulher nos anos quarenta	265
ANA SOFIA GANHO – Luiza Neto Jorge: <i>Ekphrasis</i> e Iconotexto	277
CLÁUDIA PAZOS ALONSO – Do centro e da periferia: uma re-leitura de <i>Laços de Família</i>	287
RUTH SILVIANO BRANDÃO – A nau catrineta: velhas receitas, novos sabores.....	301
ISABEL PIRES DE LIMA – Concertos/Desconcertos: arte poética e busca do sujeito na poesia de Ana Luísa Amaral.....	307
LÚCIA CASTELLO BRANCO — Por graça da textualidade.....	319
ANA PAULA ARNAUT — <i>O Delfim</i> : silêncios inquietos	333
ADRIANA ALVES DE PAULA MARTINS – <i>Todos os Nomes</i> ou uma viagem pelos labirintos da cidade na busca do nome que cada um tem	341

Tomo II

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO – O futuro do passado: <i>O Ano de 1993</i> de José Saramago.....	351
VERA LÚCIA CASA NOVA – Fragmentos de um itinerário amoroso: Saramago, <i>Viagem a Portugal</i> (1981).....	363
ANNA KALEWSKA – As modalizações anti-épicas na narrativa portuguesa contemporânea: José Saramago, António Lobo Antunes e Mário Cláudio.....	371
MARIA LÚCIA DAL FARRA – De Pedro a Paula: um caso de amor de Helder Macedo	389
MÓNICA FIGUEIREDO – O corpo, esta casa no mundo: a propósito de <i>Pedro e Paula</i> de Helder Macedo.....	401
MARIA THERESA ABELHA ALVES – A peregrinação iniciática de Barnabé das Índias	411
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS – <i>Cavaleiro andante</i> : identidade nacional e o processo de dispersão do ser português.....	419
VILMA ARÊAS – Além do princípio da superfície: <i>O filantropo</i> , de Rodrigo Nunes	429
CHRISTOPHER F. LAFERL – O clichê da terra: a Bahia de Dorival Caymmi	441
JOSÉ MARIA PEDROSA CARDOSO – Da especificidade da música sacra portuguesa nos séculos XVI e XVII.....	451
MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO – Polifonia aquática.....	467
AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA – Lusofonia: mentiras e realidade	475
ANTONIO CANDIDO – Livros e pessoas de Portugal.....	483
MARIA ARMANDINA DA CRUZ MAIA – Pátria, uma trajectória de deriva..	493
BEATRIZ RESENDE – Imagens da exclusão	509
BENJAMIN ABDALA JUNIOR – Terra morta e outras terras: sistemas literários nacionais e o macrossistema literário da língua portuguesa.	523
RUSSELL G. HAMILTON – A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial.	537

TANIA FRANCO CARVALHAL – De mar a mar: entre viagens nas literaturas portuguesas e brasileiras	549
ETTORE FINAZZI-AGRÒ – Geografias da Memória. A Literatura Brasileira entre História e Genealogia.....	557
ERMELINDA GALAMBA – Ser português na China	569
GERHARD BRUNN – Comunicação intercultural entre Europa e Brasil: a contribuição de Johann Moritz von Nassau-Siegen (1637-1644)....	579
MICAELA GHITESCU – Cultura luso-brasileira na Roménia	589
BENJAMIM PINTO BULL – Senghor, o Brasil e Portugal: alguns marcos culturais lusófonos	597
RENATO CORDEIRO GOMES – Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea: uma guerra de relatos.....	609
ARMANDO JORGE LOPES – Em direcção ao primeiro léxico de usos do português moçambicano	621
ENEIDA DO REGO MONTEIRO BOMFIM – Que tratamento dar ao Rei?.....	633
MARIA HELENA MIRA MATEUS – A Face Exposta da Língua Portuguesa.	647
MICHEL LABAN – Reflexões sobre a elaboração de um inventário das particularidades do português de Moçambique através da literatura	655
TOM EARLE – O ensino do português nas universidades britânicas	665
SOLANGE PARVAUX – O ensino da língua portuguesa no segundo grau em França.....	671
MARIA JOSÉ MOTTA VIANA e ADRIANA CASTILHO — “A coisa melhor do mundo”: o tempo e o modo de um discurso	687
EVANILDO BECHARA – Herculano de Carvalho: In Memoriam (1924-2001).....	693

Cavaleiro andante: identidade nacional e o processo de dispersão do ser português

MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS

Brasil, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Segundo Roland Barthes¹, uma textualidade pronta e acabada, tal como se apresenta ao leitor, nunca se constrói no singular, ela é sempre plural, porque se desdobra em outros textos e porque na escrita de cada um encontra-se o escrever de muitos. Desse modo, para o teórico francês, ler um texto é perceber a inter-relação existente entre escrita e leituras; é identificar no texto de um autor sua particular leitura das linguagens do mundo. Considerando Almeida Faria um leitor especial do mundo e, particularmente, de sua nação e da identidade portuguesa, pretende-se evidenciar os indícios que demarcam a História de seu país na sua escrita, a partir das histórias que conta em cada livro que apontam para direções determinadas no estabelecimento de significações outras que não aquelas reveladas pela História oficial. Sua produção literária inicia-se, em 1962, com *Rumor branco* e desdobra-se até 1990 com *O conquistador*, abrangendo, pois, um período importante do universo português, marcado por “antes” da Revolução dos Cravos e pelo depois desse momento, atuando de forma decisiva na formação de uma consciência social.

¹ Roland Barthes, *O rumor da língua*, São Paulo, Brasiliense, 1988.

Com *Rumor branco* (1962), Almeida Faria introduz nova e ousada técnica literária e nova linguagem na ficção portuguesa, adotando uma postura altamente irônica e crítica frente à realidade e abrindo caminho e horizontes para uma linguagem que se projeta para o futuro em que a arte será uma desobediência de conteúdos, de meios de expressão e de palavras². A novidade proposta por esse romancista não permanece apenas em seu primeiro livro, a ausência de personagens que se configuram apenas como “nomes” que rejeitam convenções e a preocupação em mostrar que essas personagens não podem ter, à época, voz audível, porque estão sufocadas pela situação repressiva em que se encontra o País, é constatada também em seus próximos livros que constituem a *Tetralogia lusitana*, composta pelos romances *A paixão*, *Cortes*, *Lusitânia* e *Cavaleiro andante*.

A leitura que se pretende fazer, centra-se no último livro da *Tetralogia lusitana*, *Cavaleiro andante*, cuja fábula estrutura-se na intertextualidade e interdiscursividade que marcam a epistolografia (38 cartas e 22 segmentos narrativos que constituem o universo diégetico), e tematiza a vida de uma família de província que se dispersa logo após a Revolução dos Cravos. São diferentes discursos de diferentes remetentes/destinatários que veiculam ideologias diversas e que refletem criticamente sobre a situação histórico-política da nação portuguesa.

Almeida Faria não deixa, pois, de inovar, já que a estrutura de seu livro lida com a polifonia romanesca, através do monólogo exterior, adequado ao romance epistolar, que subverte “os pressupostos do gênero, ao sugerir, paradoxalmente, uma suspensão de sentidos e certa espécie de “incomunicabilidade”, tanto pelo caráter descontínuo e inconclusivo da dinâmica das cartas, como pelo fato de, muitas vezes, elas acabarem por “informar” menos o outro do que o eu escrevinhador³”. As cartas trocadas entre JC e Marta, ou entre André e Sônia,

² Conforme palavras de Vergílio Ferreira, no prefácio de *Rumor branco*, «ele é um livro revolucionário que se aproxima do “novo romance” pela recusa dos quadros do romance, mas dele se afasta por apresentar o homem que interroga sobre seu destino». (Vergílio Ferreira, “Prefácio”, *Rumor Branco* (Almeida Faria), Lisboa, DIFEL, s/d., 3.^a ed.).

³ Márcia Valéria Zamboni Gobbi, *De fato, ficção* (um exame da ironia como mediadora das relações entre História e Literatura em romances de José Saramago e Almeida Faria), Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1997, p. 114.

ou entre Sônia e a mãe, para apontar-se apenas alguns remetentes/destinatários, deixam entrever a transposição, entre realista e alegórica, da oscilação do imaginário português, em torno do 25 de abril, através da reconstituição dos tempos revolucionários e do questionamento ontológico de Portugal. Há uma tentativa, de não apenas revelar a nação, mas também o *ser* português, através de procedimentos próprios da epistolografia que levam à construção do sentido. Assim, o suporte histórico configurado na fábula narrativa é claramente referido em grande parte das cartas, trocadas entre as personagens nominadas, e abrange o período pós-Revolução dos Cravos, entre 02-06 e 30-11 de 1975. O referencial definido é significativo para que, na contemporaneidade da escrita do romance (1983), se possa entender a importância desses acontecimentos na formação da nova identidade nacional portuguesa e sua responsabilidade «pela virada histórica em que se empenhou a nação portuguesa»⁴.

Cavaleiro andante configura, através das diferentes subjetividades que o compõem, a multiplicidade da nação portuguesa que se queria um Império, e para a formação do mesmo requisitava a presença do Brasil e da África. É no concurso de vozes distintas, vindas do Brasil e de Angola, ou emitidas de Portugal, que o autor marca o concerto discursivo, no qual tanto em sua essência temática como em suas conseqüências narrativas, encontra-se impregnado da presença do eu. São diferentes visões de mundo que se apresentam nesse «gênero», sendo que a troca de cartas entre os correspondentes é, algumas vezes, interrompida por seqüências narrativas, por manifestações de um narrador ou de personagens que entram em ação, que assumem a palavra e continuam, ao apresentar suas emoções, sonhos e desejos, no mesmo processo de permanente diálogo, a revelar a História que se encontra nelas internalizada, revelando, conforme Lukács⁵, que «a verdade do processo social é também a verdade dos destinos individuais». De fato, as cartas e as seqüências narrativas que constituem o romance, revelam-se sempre produto de um ser ao qual algo ou alguém lhe falta e que intenta compensar com a escrita

⁴ *Idem, Ibidem*, p. 174.

⁵ G. Lukács, *Ensaio sobre literatura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 62.

essa ausência. Então, a escrita torna-se, mais que em qualquer outra ocasião, o signo de uma ausência abolida e pretende-se substituída da realidade. São, portanto, as cartas trocadas entre os diferentes remetentes/destinatários o espaço privilegiado para a emergência do eu que só pode ser compensado pelo **outro**, e para a emergência dos temas do cotidiano, do seu tom e do seu tempo.

Com efeito, atentando-se ao romance epistolar e, em específico, ao texto de Almeida Faria, observa-se que ele (o romance epistolar) segue alguns elementos do pacto autobiográfico e converte-se em um dos lugares privilegiados da emergência do *eu* na sua dimensão fragmentária, intermitente, pulsional, em uma epifania constante, constantemente reprimida e corrigida. Comparado ao diário íntimo, esse romance apresenta-se mais fragmentário, porque adota a intermitência do gênero epistolar somada à fragmentação polifônica imposta por o remetente dirigir-se a diferentes interlocutores. Ao lado da polifonia, também se destaca, nesse romance do autor português, o local privilegiado da emergência de uma realidade – a história que é relatada – fragmentária, intermitente, constantemente corrigida: reflexo de uma epistemologia – e de sua escrita – que começa a ser uma epistemologia e uma prática do fragmento.⁶

Ora, uma leitura das evidências do texto do autor português revela a construção de um universo ficcional paralelo ao histórico, que se decifra na relação que se instala entre o passado histórico e o presente ficcional e que permite a leitura ideológica de produção e recepção contextualizada de sentido. Há, em *Cavaleiro andante*, um ser histórico textualizado, resultado da sobreposição de significados, historicamente produzidos: a nação portuguesa, construída a partir da concepção do discurso do sujeito do discurso – JC, ou Marta, ou Sônia, ou André –, do grupo, da sociedade e da cultura a que pertence. A nação é revelada segundo o registro de JC, que, ao mesmo tempo em que informa sobre a situação de Portugal, interpreta e posiciona-se sobre o relatado. É o que se constata na carta de JC à Marta, enviada de Lisboa em 23-06-1975:

⁶ Javier del Prado Biezma; Juan Bravo Castillo e Maria Dolores Picazo, *Autobiografía y modernidad literaria*, Cuenca, Servicio de Publicaciones de la Universidad de castilla-La mancha, 1994, p. 262-265.

Fui no minicomboio por entre dunas até à Fonte da telha onde um sub-desenvolvido povo desagua em grupos, famílias, hordas, desde a avó vestida de viúva sofrendo horrores com o calor e o pai barrigudo que pela primeira vez se põe em fato de banho e se envergonha, até aos bandos de raquíticas crianças gritando pelos irmãos que jogam obsessivamente à bola, possessos da fúria futebolina de doentes mentais. Na deliriosa anarquia que aqui se vive, desataram a construir clandestinas casotas na areia, cada qual arma a barraca de campismo onde lhe apetece, sem esgotos nem água, servindo-se do mar como banheira, bidé, pia de lavagem, sujando tudo, destruindo a paisagem numa liberdade para papalvos a quem tudo é permitido, o povo é quem mais ordena e quem não concorda é fascista.⁷

Marta, em Veneza, toma conhecimento através da escrita de JC do que estava acontecendo em Portugal. É ele o falante-remetente, sujeito de uma reflexão crítica em que o eventual histórico-político se problematiza. O discurso desse *eu* tem um tom céptico e irônico e revela não uma nação que se constrói, mas na verdade, é a desestrutura do País que se mostra, no discurso, pelo tom de cobrança por expectativas não satisfeitas. Ocorre, então, nas cartas de JC à Marta a revelação da desesperança no presente histórico português, articulada pela experiência privada (individual) do sujeito remetente a qual se torna fonte da história pública. Na primeira carta de JC à Marta que aparece no texto, datada de 03-06-75, a questão da construção/desconstrução da nação fica muito explícita:

Quanto à actual paisagem, desde a minha última carta não sofreu alteração visível: o congresso de escritores decorreu, **segundo li**, com aquele espírito de imitação que caracteriza a nata deste país, o primeiro ministro dando a bênção aos escreventes e escribas comodamente transformados em bem comportados meninos de escola, protegidos pelo novo pai da pátria, muito contentinhos por terem a aprovação benevolente dos públicos poderes, um proador de péssima qualidade ameaçou de fuzilamento uma poetisa socialista infinitamente melhor que ele mas menos dogmática. Esquecem essas aves da classe escritural os bons resultados do paternalismo, ou procuram nele um lugar que a concorrência lhes não dará? Iguais às rãs que querem um rei

⁷ Almeida Faria, *Cavaleiro andante.*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da moeda, 1983, p. 85. Todas as citações serão retiradas dessa edição, sendo indicadas, então apenas as páginas.

pernalta, tão depressa cansados do estado democrático, têm saudades de um grou ou guru pré-fabricado? Aqui onde os políticos nunca se preocuparam com cultura, onde para ser ministro convém ser analfabeto ou andar lá perto, os nossos literatos, alguns plásticos e uns poucos musicistas decidiram ficar de cócoras à espera do que der e vier, outros andam numa de sarabanda a ver quem desanda do poleiro para subirem neles, corrida desenfreada ao tacho vago pela facilidade com que um fulano é saneado. Num ano houve cinco governos, as pessoas passam o dia a ler jornais, ouvir rádio, ver TV para entenderem notícias às vezes verdadeiras, alarmes às vezes falsos, histórias de armas roubadas, golpes militares, cartas abertas e fechadas, prisões, demissões, ameaças várias. revoluções são assim, quem não gosta vá embora. vence as revoluções quem se segura no lugar depois dos grandes safanões, interessa é agüentar, de cabeça enterrada na areia, ou sem ela de preferencia, cada novo embate, cada combate contra moinhos de vento, cada marrada do fado. (p. 20, grifos nossos)

Junto à simplicidade da emoção que procura uma semântica adequada à realidade emocional e à realidade conjuntural, surge uma sintaxe imposta pela introspecção do sujeito que questiona, divaga, e o tempo da escrita, desigual, pulsional, que é o tempo do eu. Maria Aparecida Santilli⁸, comentando a mesma carta diz que JC desempenha um papel de observador, numa visão por trás dos acontecimentos que relata, preservando um distanciamento com relação ao que menciona/comenta que, retoricamente, se traduz na versão irônica de seu representar.

De fato, deve-se concordar com a proposição da crítica paulistana, pois JC ao informar que leu as notícias que está a relatar, procura isentar-se “de cumplicidade com os referentes reais a que se reporta”⁹, ainda que problematize esses mesmos referenciais levando o leitor, no caso Marta, a ter uma noção da situação política caótica em que se encontra o país e da qual ele não participa, pois é apenas um observador dos acontecimentos. Entretanto, esse observador transpõe, através de seus questionamentos, uma crítica feroz aos inte-

⁸ M. A. Santilli, “*Cavaleiro andante* texto a exemplo de Almeida Faria”, *Sobre as naus da iniciação* (org. Carlos Alberto Ianone; Márcia V. Z. Gobbi e Renata S. Junqueira), São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998, p. 207-218.

⁹ *Idem*, *Ibidem*, p. 212

lectuais e artistas portugueses que esperam “um rei pernalta” ou “têm saudades de grou ou guru pré-fabricado”, apontando o desconcerto do povo em busca da “verdade” sobre os acontecimentos mais importantes que levam às transformações do país.

Ao apontar, de forma lógica, as divisões entre classes como expressões sócio-culturais, pois trata dos intelectuais, “aves da classe escritural”, desvela o remetente da carta que essas divisões estão vinculadas não só ao tema da diferença, como ao do poder, e formam conjuntamente um dos acessos ao caminho da construção social. Ao problematizar a questão, JC revela sua preocupação com a construção da nação portuguesa, tratando-a como um problema central e deixando de lado o horizonte cotidiano de sua vida afetiva burguesa. Isso equívale ao modo de busca identitária que Felix Guattari e S. Rolnick¹⁰ definem como um processo de segundo grau, em permanente movimento de construção/desconstrução, criando espaços dialógicos e integrando a trama discursiva sem paralisá-la. Daí, deduz-se que Almeida Faria, ao procurar edificar a sociedade portuguesa, tenta erguer uma ponte entre as identidades individuais e a identidade nacional, como um todo e, por isso, as cartas datadas e assinadas por diferentes sujeitos imprimem autoridade ao relato. Não é a voz de qualquer anônimo que se ouve, mas a de JC (ou a de André, ou a de Sônia, etc.) o que imprime autoridade válida ao relato da construção da nova nação.

Benedict Anderson¹¹ sublinha que a palavra nação designa uma comunidade política imaginada como soberana e implicitamente limitada por suas raízes culturais. JC, enquanto remetente-falante, torna-se responsável pela disseminação das novas idéias, pela transmissão do saber e da verdade que delas emanam, pela revelação da comunidade que se constitui. A forma epistolográfica a que recorre o autor português investe-se de sentido inverso que, ao ser acionado, restabelece as relações entre o Portugal do passado (implícito em todas as vozes) e este novo Portugal que é o motivo nuclear das cartas. Desse modo, o romance funda-se num processo ambíguo, interfluente de cons-

¹⁰ Felix Guattari & S. Rolnick, *Cartografias do desejo*, Petrópolis, Vozes, 1986.

¹¹ Benedict Anderson, *Nação e consciência nacional*, São Paulo, Ática, 1989.

trução e des-construção do mito do Império português, resgatado pela afirmação histórica que se instala ironicamente.

O livro em análise adentra, pois, num quadro referencial marcado pela comunidade literária e religiosa, bem como pelo núcleo familiar dos portugueses (estruturado similarmente aos reinos dinásticos) que é representado no texto, sendo possível vislumbrar em seus escombros discursivos a ironia e a crítica social à realidade da qual as cartas se alimentam. Mas não apenas aos destinatários das cartas cabe decifrar a ironia que envolve os significados implícitos (ou explícitos?) do texto; também ao leitor do romance cabe descobrir, deslindar o significado proposto pelo remetente-falante. É papel do olhar atento do leitor detectar as relações cognitivas entre o sujeito e o seu domínio dos objetos, clarificando as posturas fundamentais que embasam a malha discursiva proposta pelo texto. Entretanto, não apenas isso faz o leitor de Almeida Faria e, em específico, de *Cavaleiro andante*, muito mais, a ele cabe decodificar a intenção irônica proposta pelo autor e contida no texto, pois a ironia se constrói entre o eu enunciador e o tu receptor da obra artística, Assim, em *Cavaleiro andante*, o eu significante vazio que abriga muitas personagens, ou melhor, que se desdobra em muitos outros *eus*, estrutura a ironia através da alteridade manifestada na impossibilidade total de um sujeito único, compacto, indivisível. A fragmentação do sujeito está reduplicada no discurso narrativo na polifonia das vozes e na fragmentação do próprio texto epistolar que traz em seu bojo sempre a idéia de suspensão do sentido, própria da ironia e da mimetização do sistema comunicativo.

Cavaleiro andante, texto fundado na intersubjetividade, torna-se, então, a revisão da situação de Portugal pós-74 e a apresentação da nova nação portuguesa de que participam diferentes classes sociais, mas também da qual os remetentes-falantes apenas observam, deixando entrever, nas fissuras da objetividade de seus relatos, a subjetividade de sua experiência que se apresenta sem a isenção necessária do pragmatismo do discurso histórico. O *outro* dos remetentes-falantes, não é somente seu destinatário, é muito mais: é a história da nação portuguesa.

Daí ser esse texto inquietante, pois ele não se encerra após a leitura da última página. Ao contrário, após a última página o texto

ganha maior força e transforma o leitor num produtor de sentidos, que reage aos apelos do texto. Por isso, o leitor, ao ler esse romance não pode ficar no significado da diáspora familiar, deve estar atento à dispersão da família portuguesa pós-Revolução dos Cravos, sim, mas, sobretudo, estar atento à dispersão do *ser* português cuja unidade, segundo Eduardo Lourenço¹², se em tempos passados já era falsa, torna agora visível e imbatível seu caráter ilusório.

Ilusão ou realidade, história ou ficção, parecem não interessar ao autor Almeida Faria, que não desconhece que seus textos possuem uma propriedade sedutora, responsável por envolvimento sempre renovados que os atualizam. O que fica muito claro, ao final da leitura do romance *Cavaleiro andante*, é que seu autor não o escreveu apenas por prazer ou para o prazer. Seus propósitos ficam muito claros na forma original como o construiu; ou seja: na forma especial como recupera e apresenta a leitura particular do fato histórico, elaborando sua invenção do presente e revelando a construção da nação portuguesa.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Benedict, *Nação e consciência nacional*, São Paulo, Ática, 1989.
- BARTHES, Roland, *O rumor da língua*, São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BIEZMA, Javier del Prado; CASTILLO, Juan Bravo e PICAZO, Maria Dolores, *Autobiografía y modernidad literaria*, Cuenca, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 1994.
- FARIA, Almeida, *Cavaleiro andante*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- FERREIRA, Vergílio, "Prefácio", *Rumor Branco*. (Almeida Faria), Lisboa, DIFEL, s/d., 3.^a ed.
- GOBBI, Márcia Valéria Zamboni, *De fato, ficção (um exame da ironia como mediadora das relações entre História e Literatura em romances de José Saramago e Almeida Faria)*, Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1997.
- GUATTARI, Felix & ROLNICK, S., *Cartografias do desejo*, Petrópolis, Vozes, 1986.

¹² Eduardo Lourenço, *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*, Lisboa, Dom Quixote, 1992.

LOURENÇO, Eduardo, *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino português*, Lisboa, Dom Quixote, 1992.

LUKÁCS, G., *Ensaio sobre literatura*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

SANTILLI, M. A., "Cavaleiro andante texto a exemplo de Almeida Faria", *Sobre as naus da iniciação* (org. Carlos Alberto Ianone, Márcia V. Z. Gobbi e Renata S. Junqueira), São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998.